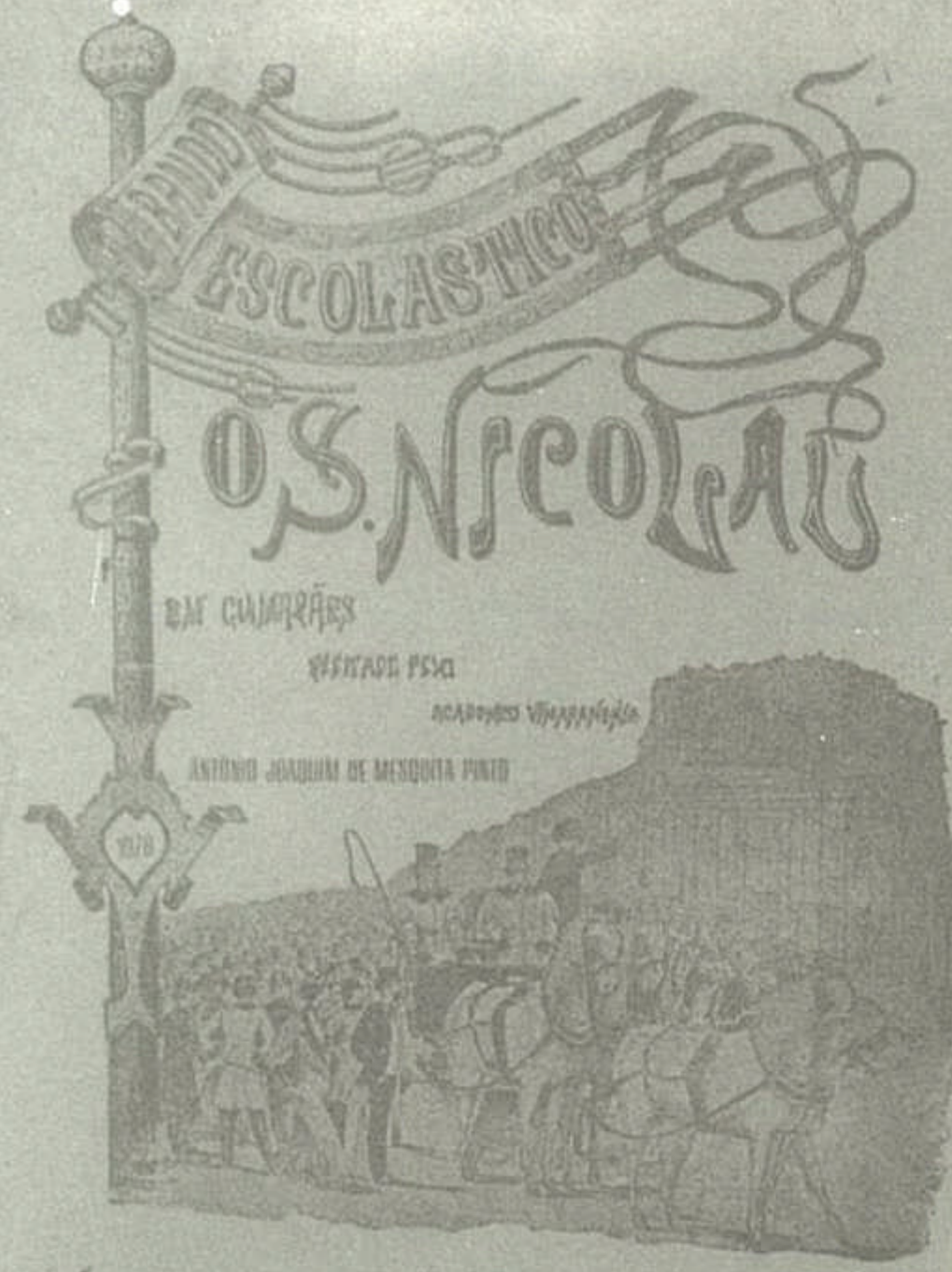


# O Pregão de S. Nicolau

Recitado por ANTÔNIO J. DE MESQUITA PINTO aluno do 7.º ano do Liceu Nacional de Guimarães

A Academia e ao Povo de Guimarães

O AUTOR;



O Povo da Cidade Antiga e sempre linda, — sua face de lenda, aureola querida — gente de Guimarães, Tórral e os arredores desde a Falperra e Renda e de Rendufe a Airão, Povo de vida própria, em sucessão de vida, aqui tens o Pregão.

A mocidade ainda tem lá na maçoleta, embora haja amadores de outras forma de luta, assaz pecaminosas: o porno cadelheiro, a nova educação e tudo o que provoca a grande "esilacção".

Ao rufo dos tambores, exacto e percutido, ardente como um hino, a missão cultural do Santo Nicolau prossegue o seu destino: — revolução das rosas, nascidas por aqui, na Terra, nos canteiros dos perfeitos amores! Conquista-intemporal da graça e do sorriso, partido em maioria, autêntico, indiviso!

(Se não há bacalhau, não é preciso azeite! E' o fim dos azeiteiros, a tentar lambuzar, ingénua, as barbeias dos "chibos" oportunos. — Chibança nacional das postas... ou sem elas.)

E não há festival, nem há sardinha assada. — Somos o despertar da grande madrugada, em séculos aberta à luz das alegrias, rouditois a cantar nolvado às cotovias...

Na Festa Nicolina os novos e os "velhinha", todos são alunos do mesmo professor. Ele, o que nos ensina ser igualzinho ao tempo uma saudade eterna, que faz de Guimarães a pátria confraterna dum sempre novo amor!

É milagre suave e em fogo se renova, quando, através da vida, e n'isso aquele instante em que ter coração é ter de pôr à prova a dor e a alegria. A próxima ou distante.

— Uns olham mais além e tudo, então, renasce outros entram na vida e outro milagre faz-se. A mesma situação, n' de qualquer idade: — reviver o que morre ou dar a vida à saudade.

Por isso é brado nosso, é nossa cortesia apertar num abraço os velhos companheiros dum antiga nobreza e séria fidelidade. Festas de pundonor e de carácter! Fimas! — Às Festas Nicolinas!

Não há que haver temor, negações, ou cõilhos... São dos avós e pais, serão dos nossos filhos! E se houver safardaria, a vir com fantasias, mostram-se os cronicões e as genealogias...

É claro que a verdade, a história e os documentos não são para jumentos. Dos burros, quem quizer um trote surpreendente, puxa-lhe o rabo atrás e rompem logo em frente!

Necessária a exclusão das raças jumenticias que têm sorriso alvar e muitas, muitas manchas, animais de zurrer, somente por noíctias yindas dum mundo próprio, um coio de patranhas e um arrocho capaz de as transformar em gente. Com essas, caladinho! Arreda! e a caminho...



É praxe, é tradição, Senhores dos comandos, Presidente e vogals, edís municipais, que venha o pregoelro, logo no principio da longa caminhada, ao percorrer do burgo, apresentar, com honra, os cumprimentos, dando-os, por dever de servir a quem serve.

E servindo, Tem jus à prestaçõ das boas homenagens.

Esperando que surja o grande taumaturgo, que dê remédio às chagas, velhas pustulentas e às novas, a chegar às fassas gangrenentas, também é tradição que alguns considerados se façam com humor, sem fel, nestas passagens da vida cidadina.

Mas desta vez, porém, acaba a sarrazina da andar a dizer mal.

Para mim, muito novo e mesmo um inexperto nas andanças do mundo e por horror à cilha, não acho que dizer da vida camarária. Duvidar do que afirmo é pecha temerária!

Sempre igual a si mesma! É grande! É bestial! Está, pois, tudo certo! Tempo de maravilha!

E nunca em tempo algum, desde o Afonso Henriques, houve tanto berloque e respectivos triques, neste asselo e limpeza, a fazer da Cidade um sonho que deleita! — Imagem da beleza, helénica, perla!!! A prova de que tem no seio uma certeza nos filhos que gerou, famosa geração de condutores de homens, vidas e destinos. Lá tibeizas, não! Intentos cristalinos!

Não há contradições. Se houver, a Assembleia redõe-se num pronto e, zás! é cá pra fora cada resolução de se ficar maluco! — Eficência, ardor, uma genica cheia de vontade de erguer a torre de Babel, mas desta feita e bem, com todos a entender-se.. E não é parecer, é na verdade ser-se forte como um trabuco, a mandar os calhaus e derrubar muralhas dos ominosos tempos bárbaros de outrora. Uma corrida louca, o grande carrocel dum Cidade inteira, em movimento audaz.

Não há burra sequer que mije para trás! — E' tudo para a frente! E' tudo já e agora!

... agora, em qualquer freguesia e são mais de setenta, não há quem se sujeite ao peso das cangalhas. Não está para isso! Nem quer, nem aguenta tanta rapidez. Cansaço do progresso! Não cabe numerar os casos do sucesso, nem sequer delinir as linhas do futuro. Trabalha-se no duro! E, se alguém disser mal é cego por inteiro, reles alcoviteiro duns namoros de engano e promessa falhada. Há, porém, o reguila... Olhão, mas não vê nada, nem sequer topa o luro da falta de diuheiro...

O Senhor Presidente e sua edildade, eu não devo alongar a laudatória treta. E, na fé da verdade, disse de Vocelências todo o bem que pude, e não sou candidato a qualquer feta da vaca que tem sempre uns pingos a espremer e talvez tão mungida, que bota p'lo mamilo e sangue a própria vida!

Apresento os meus votos da melhor saúde, disse o melhor que pude, mas "não me comprometo"!

A cada passo a gente e sem querer encontra gajos que são do contra e podem-me... morder!



No pregão nicolino há uma razão de ser, um mandato gentil, em dádiva branquinha. Não nos deixa apagar o sonho e a claridade da linda obrigação, neste momento, a minha. — A minha e a de nós todos, desta mocidade, a proclamar na rua a eterna devoção dum amor cultural e do carinho e graça, que nos vincula à vida. E' quase uma oração!

— Damas de Guimarães, Avós e Mães e Filhas, quando um sorriso vosso acaso nos eniaça, na suprema ventura de encontrar as trilltas dum percurso de luz, divinamente posto, para servir de rumo aos cimões da ventura; — Mulheres desta Terra, o abrir do vosso rosto à ternura sem par da altiva confiança entrega-nos sem medo à gráci aventura das fudas e palácios, contos de criança! — Beijo antigo da Avó, abrindo o nosso peito, como se abrindo em alma a porta dos sacrários!

— Beijo de nossa Mãe, uma certeza e prelo ao aviso e condão dos seus conselhos sábios. — E outro beijo mais novo, aquele em que sonhamos, para ser no seu beijo o céu nos nossos lábios! E toda a nossa vida um cofre onde guardamos a riqueza moral da nossa joalheria! Não há génio dos sons, que escreva a sinfonia, este coral imenso, em vozes, acto e sonho de novas criações, as odes de alegria... Não há sombra inimiga em formas que eu suponho serem névoas que passam... E' mais forte a luz! Bendito o vosso amor! Bendito o sortilégio dum olhar que fascina, encanta e nos seduz! Eu não hei-de cair no felo sacrilégio de quebrar um altar votivo em que vos puz! Fico na crença antiga e na attude velha de fiel servidor do brilho na castelha de lâmpada que vai à frente da jornada, ou posta em sagração, imaculadamente, doirando o que se sente, em culto, adoração, promessa interminada! — Coração que ajoelha!

Mogas de Guimarães, dou-vos sinal e senha. Sou vosso pregoelro e a graça nicolina está nas vossas mãos. Eu fico à vossa espera! — Quanto se perde em vida, a mingua de quem venha ensinar a viver!

— Regresso àquele estado de alma, que origina altitudes de xonho e de razão de as ter. — Contorno ideal de imagem, tela inacabada...

Vamos voltar, sorrindo, à nossa primavera, porque é nossa, afinal. E' valida riqueza, que temos escandida e mal aproveitada!

— A gémula da luz numa candela acesa e temo-la apagada!



Segundo o costumeiro, os vates do Pregão, em usança que vem de há muito e também se herda.

dão uma volta ao Mundo em peregrinação e voltas sociais, políticas e rampas e deslizes mortais da pobre humanidade. Resolvi não erguer essas pesadas tampas de tais canos de esgoto. O vocábulo "mundo" quer dizer limpeza, harmonia perfeita, um reino de bondade... Nunca se viu, porém, tamanha e má tristeza, o cheirete fatal de tanta e tanta... Difícil arranjar mais outra rima em erda e o verso ficou manco. Embora! o que está roto e já não tem conserto, vai pra farrapeira. Qualquer dia que ven, a mundial sujeira resolverá por fim, por isto tudo em cacos. Depois, talvez que nova raça de macacos inicie outra história! — A nossa é uma bisborria.

E "no país que somos", todos igualinhos aos marretes irmãos, dos quintos ou vizinhos! Em política, então, um masagal de genios! — Governos, transições, conservações, convénios...

Conseguimos passar de figuras antigas a bando tropetante, a um coio de mendigos que fazem dos farragos canteiro de orgulho! E' preciso extinguir os bichos do gorgulho, roendo o nosso pão, aquele que se come e um outro que é pior, o que provoca a fome dum sustento sadio ao corpo da Nação!

Estamos fartos do não. — Vamos dizer que sim!

Quanto a mim, perdi-me no papel... Al da Tipografia que tem de receber o preço da maquila e a bolsa nicolina é certo que não tem subsídio estatal, partido ou sindicatos... Mas tem para morder as solas dos sapatos!

Aqui por Guimarães, te ver, ainda há Vizela, há Taipas, São Torcato, há Penha e o Pevidem, mas tudo com arzinho entido e magrela, como quem traz em si a bicha solitaria. O maior pesadelo é o lagartão de Braga, que vive, como é fama, além duma Falperra e suga alegremente, em fome centenária, o valor e trabalho, o sangue, a nossa Terra! Não há causa comum, nenhuma, que nos traga senão desconfiança, aviso às murteiras, aos abraços de Judas, gaitas ou cantigas. Nossas informações são certas, são antigas, trapaças são reais. — moscas nas frigidieiras...

A nivel distrital, não há fum nem funeta, se vamos no palelo e cremos nessa treta, estamos mal havidos, mal, muito mal pagos! Se olhamos para nós, diminuídos gajos dialogam com moucos... Mal dos tataranhos, confiantes nas triças certas dos estranhos, regalados à farta.

P'ra lá de Santa Maria acaba-se a conversa. E' logro criminal, rapar o que pertence ao dono do quintal... A lei de pagar loro arden, já foi prescrita!

E cá pela Cidade, a coisa já foi dita. Foi levada ao Convento... Armas de São Francisco encimam a portada... — Quem souber de outro disco, que o ponha na festada...



Um breve apontamento às lídes académicas. — Como sabem, são muitas, soltas e polémicas, comissões, reuniões, programas, maiorias... Hoje, sim; Ontem, não; Amanhã se verá e muitas outras horas são prá teorias do que há para fazer, do que se não fará. E, assim, em vez dos livros, mestres, ensinança, é uma tragalhada, que nem sequer dá tempo às puxas dum cigarro.

— Corpo feito de barro, alma que pode ser de passarinho como se ha-de encontrar a forma, o modo e o jeito de segurar um caminho! — Depois, no fim, exames greves e a precelto: — Abre-se a tumba! São multissimos male os mortos do que os vivos e da história não reza a multidão que chumba!

Diluiu-se no ar antigos incantivos: trabalho, ordenação, o brio de quem brilha, colegas, pessoal, lições e professores, com o saber do estudo e não de pacoiilha.

Mas vamos a lembrar os tempos de algum dia, em que "a escola era França, do velho professor a barba branca inspirava respeito, impunha simpatia"... Esses tempos de então não são de saudoismo, deformação mental, qualquer um novo "ismo", porque os ouço, sorrindo, em minha casa, como se a escola fosse um bom remigio de asa, traçando um rumo aberto a quem andou por lá!

— Onde está o traço, ao menos para já?

Amigos, isto é assim. Olhai, que bem se vê, um exemplo bastante, um Homem que nos dá imagem de carinho em seu professorado, o mestre que ficou ligado a gerações de alunos, comungando em preocupações, que seriam comuns ao mestre e ao ensinando.

— Ele anda na Cidade e vai, de quando em quando, dar um giro, um passeio, ou pára, sorridente, a balcar a cabeça ao prelo e a tanta gente, que passou e aprendeu nos bancos do Liceu.

Equânime, votado a um mundo, que foi seu e foi sua verdade, o Doutor Boavida ficou em Guimarães e fez cidadania do gosto de viver o fim da sua vida entre aqueles que amou e fez, no dia a dia, homens pelo saber, os grulhas, que, no entanto, gratuitos que são, até lhe chamam santó! Eu já lho ouvi chamar. Ajuda à sagração! Eu sei o que ataron... Mas sei que, por bondade, fez mais do que ensinar. Deixou ficar saudade!

Vamos lá para o fim, Amigos! A função continua nos bombos! Vamos ribombar, até que os dorminhocos possam acordar do letargo sinistro, a bem de Guimarães! E' da História que foi comido pelos cães um tipo que tratou o Dom João Primeiro, quando veio a Cidade e impoz no castelero o empandeiramento até Castela-a-Velha! — Se houver qualquer azeiha, que vegete à babagem do que a Terra entrega a quem o não merece, dai-lhe uma refrega das boas, das antigas!

Mandai-o, prá os ortigos!

E não vos esqueçais de dar as maçanilhas às Evas que agradecem, tal como as gatinhas, que aprendem a arranhar... — Prudência em gatinhanhos. Podem ser perigo! Além de alguns sorrisos, asseltos no pomar dos lindos paraísos, dão trabalho e castigo.

Pensai no Pai Adão. Tiraram-lhe a costela. Dum ossó pequenino fez-se a Maraviha L. Esta mostrou a Adão o fruto proibido, dizendo não haver nem mal, nem falcutra, ou qualquer mascambilha, que deixasse a perder o goso prometido. — Ele prega-lhe então a grande ferradela! — Foi pró olho da rua!

Este Mundo passou a ser uma mistela, sem vergonha nenhuma!

Acabou-se o Pregão. — Mais força nos tambores! Génio nas baquetas!

E' pena que não haja uns toques de trombetas, que fizessem parar o tempo alguns minutos, para contar ainda mais historietas de pasmar os matutos e a jeito de entremez.

— Ficam para outra vez!

Casa da Renda, Dezembro de 1978

J. M. Pinto de Almeida

J. M. Pinto de Almeida